

# Gazeta de Braga

Proprietario e Redactor principal — O BACHAREL AUGUSTO CLEMENTE DE SOUSA GEÃO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Subscreve-se

Cursia

POR UM ANNO ..... 28600 — COM ESTAMPILHA ..... 28800  
POR SEIS MEZES ..... 15300 — COM ESTAMPILHA ..... 15440  
POR TRES MEZES ..... 7100 — COM ESTAMPILHA ..... 8200

NUMERO AVULSO ..... 40  
ANUNCIOS POR LINHA ..... 30  
REPERIÇÃO ..... 25

Assigna-se e vende-se n'esta typographia, Rua Nova n. 42. — Corresponciencias d'interesse particular são pagas. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção da *Gazeta de Braga*, Rua Nova n. 42. — Quando os escriptos forem de natureza, que impliquem responsabilidade, é necessario reconhecimento de tabelião. — As assignaturas serão pagas á recepção do 4. numero.

NUM. 4.

SEXTA FEIRA 16 DE SETEMBRO

ANNO I.

## GAZETA DE BRAGA.

A utilidade dos asylos de infancia é ponto assás provado e de que ninguém por certo duvidará.

E' comtudo do nosso dever que não deixemos de fazer sobre elle uma passageira reflexão, a fim de que não deixe a nossa voz de levantar-se em prol d'um dos mais civilisadores melhoramentos, e que desejariamos ver sobremaneira augmentados.

Para conhecer as grandes vantagens d'esta instituição não precisa pensar-se muito.

Fundando-se nos preceitos da divina lei contribue ella essencialmente para o bem do paiz.

E quem haverá que mantendo verdadeiros sentimentos religiosos e patrioticos deixará de contribuir para o augmento d'estas utilissimas instituições?

Socorrer a infancia — amar o proximo, o primeiro dos mandamentos da divina lei; é por tanto um dever de todo o christão.

Educar a infancia é preparar á patria bons filhos, e é este um dever de todo o cidadão.

E' pois claro que a todos pesa o dever de promover quanto possamos o augmento d'estes estabelecimentos verdadeiramente civilisadores.

Sendo elles de grande importancia, o são ainda mais de extrema necessidade.

Antes que o homem chegue ao começo da adolescencia, falta-lhe a clara luz da razão que possa esclarecel-o e dirijil-o.

Carece irremediavelmente durante esta epoca de quem o ampare, de quem o instrua e lhe adoce os costumes.

Mas se o arrimo de seus paes lhe fallece, quem poderá soccorrel-o, quem poderá educal-o?

Qual será n'esta miserrima circumstañcia o destino d'esta infeliz creatura?

Mendigar de porta em porta o chorado pão com que a fome apague, sujeito a ser immolado nas aras do infortunio. Assim vae a infancia. Vem a adolescencia; e o desamparo, a falta de bons principios, tudo o mais... que poderão dispor-lhe ao tocar o limiar da quadra mais bella da vida do homem?

Pense quem poder os males que sobrevem a este desventurado, e por via d'elle muitas vezes á sociedade?

Que de reflexões poderíamos expender sobre este ponto, se não julgássemos acertado desenrolarmos sobre elle um veio, por ser um quadro mais que triste... horroroso!

Mas passemos a outra consideração; imagine-se n'este estado de desventura um homem de raro talento, de grandes e bellas tendencias! Pense-se no que a sociedade perde, alem dos males que pôde soffrer!

Esvae-se o pensamento n'esta consideração!... Mas quando os piedosos estabelecimentos recolhem em seu seio estes desvalidos, lhes ministram os socorros temporaes e espirituaes, não pôde a sociedade alem cumprir esse salutar preceito da caridade christã: «diliges proximum tuum sicut te ipsum», gran-gear grandes fructos? não pôde pos-

snir homens grandes, cidadãos benemeritos e prestantes, em vez de homens infelizes, que alem de a commodar lhe pôdem trazer grandes prejuizos?

Ninguém pôde, pois, duvidar que a utilidade d'estas instituições beneficentes é de illimitada transcendencia; e nenhuma nação pôde dizer-se civilisada sem que colha as vantagens d'estes estabelecimentos patrioticos e christãos.

Promovam, pois, o seu augmento se queremos merecer o nome de patriotas. Procuremos o bem da sociedade se querem o nosso bem, e nunca olvidemos esse preceito da divina lei: «Dilige Dominum Deum tuum et proximum tuum sicut te ipsum».

**O Catholicismo tem triumphado e triumphará sempre das perseguições dos tyrannos, das heresias, e da revolução.**

*Heri hodie, ipse et in saecula.*  
Hebr. XIII v. 8.

(Continuado do n. antecedente.)

Pio VII elevado ao solio pontificio entra pacificamente nos muros da cidade eterna.

Meditando-se um pouco com a sinceridade d'um animo que busca a verdade, e com o sentimento de um coração bem disposto a receber as impressões suaves e consoladoras da religião, facilmente se percebe, na serie de tantos acontecimentos extraordinarios, a sensível acção de uma Providencia superior a todas as forças humanas!

Poucos dias tinham decorrido depois que o pontifice entrou na sua capital, quando a egreja de novo se vê assaltada pela revolução. Apenas repousava das fadigas de um combate, entra logo em outro combate.

A firmeza e a coragem de Pio VII n'esta nova luta talvez exceda a do seu immediato antecessor. Este pontifice foi um heroe, foi um martyr, e talvez que ainda um dia a egreja o conte ainda no numero dos seus sanctos.

Não podemos deixar de transcrever aqui alguns trechos d'uma allocução do secretario da academia franceza, a quem o auditorio cobriu de applausos: «Parece-me dizia elle, que um dos espectaculos para sempre memoraveis, que havia offerecido o nosso seculo, mais rico talvez em grandes acontecimentos do que em grandes caracteres, era a luta pertinaz do pontifice de Roma contra o dominador da Europa.

«Já se não tractava, por fim das pretensões do poder espiritual aos imperios da terra; nem mesmo se tractava da supremacia pontifical toda completa, mas da liberdade religiosa, da liberdade do homem. Era a luta da consciencia contra a força duplicada do genio. Era, sob a apparencia sagrada, o derradeiro combate, que a intelligencia dava contra um poder material sem equilibrio e sem limites, que não destruiu os thronos senão para melhor escravisar os pensamentos e as vontades.

«O homem que não cedeu a esta força prodigiosa, ou que lhe cedeu só em termos convenientes, e

## CARTA-POLHETIM.

Meu Geão.

Antes de mais nada, deixa-me dar-te os parabens pelo primeiro n.º do teu jornal, que acabo de ler e gostar de fio a pavio.

Estricou-se a «Gazeta de Braga» galharda e auspiciosa, como sempre o esperei da publicação, sahida sob os teus auspicios; e isto sobremodo me alegrou, não só pelos votos com que acompanho tudo o que é teu, como por ver na sua verdadeira altura a missão evangelisadora da imprensa, o que nos nossos desgraçados tempos é quasi uma maravilha.

O principal, agora, é não esmorecer, e n'este ponto confio muito em ti, e muito

espero dos teus excellentes collaboradores.

Alguns d'estes conheço eu já de ba muito pelos seus primorosos escriptos — taes o Luiz Maria Ramos e o Lobato — e sei o quanto pôdem e valem; dos outros, a quem, creio, só de hoje começo a apreciar, direi que não desmerecem d'aquelles. Para uns e outros serei eu sempre constante e gostoso leitor, pois todos escrevem com mui apuradas penas.

De ti nada direi, meu Geão, pois sabes, ja de longe, que te tenho por mestre na illustre pleiade de nossos jovens escriptores, e n'este meu juizo não me ega, pôdes crel-o, a amizade ou a lisonja.

Na altura, pois, em que a «Gazeta» se librou desde o seu primeiro n.º, e que eu nunca poderei, nem tentarei attingir, como queres tu que o teu pobre amigo se libere tambem?! Não será o que de mim sahir na «Gazeta» um dislate, contraste

re-altante, um não sei que de estranho no meio dos esmerados escriptos dos teus outros collaboradores?!

Que te falta a ti para tornares o teu jornal, interessante, lido e desejado!

Não tens quem tão excellentemente te escreva a parte economica e instructiva; quem com tanta unção, fé, illustração e eloquencia te encha a secção religiosa; quem com tanto espirito, variedade e talento te trace o folhetim?! faltam-te por ventura correspondentes illustrados, ou um noticiarista pervigil?

Que falta pois á «Gazeta» e para que instas tu comigo ainda, para que para ella escreva?

E se não te demover a desligar-me da inconsiderada promessa que te fiz tudo o que deixo dito e que é verdade inteira, não te demoverá a fazel-o o humilde pedido que a minha preguiça te dirige, de

a deixares alargar-se á vontade na posse que de mim tomou?!

Eu não presto para cousa alguma, meu amigo, cada dia me vou possuindo mais d'esta verdade, e o tu queres utilizar-me em alguma cousa, obrigando-me ao trabalho com as instancias d'uma boa e não desmentida amizade, estou certo nenhuma reacção salutifera obrará para mim.

Dous mezes passados na aldeia sem o minimo dos cuidados, vivendo só para admirar os sempre novos prodigios da natureza e n'elles adorando a Deus; deliciando-me mais ou menos, todos os dias, com algumas paginas de meus auctores queridos; escrevendo cartas para um ou outro amigo ausente; pensando muito no passado, pouco no presente e quasi nada no futuro; dormindo bem e comendo melhor; estes dous mezes assim vividos tem-me tirado vontade para mais desejar e for-

para depois lhe resistir com uma doçura inflexível, o velho, que, sem soldados, nem defesa, sem oceano e desertos entre elle e a França, se arrojou a dizer — não — ao imperador, e oppoz as bullas da egreja ao conquistador, que tinha quebrantado as constituições dos povos, é um dos mais bellos caracteres, que se podem apresentar como exemplo á humanidade para ella nutrir o sentimento da sua propria grandeza e sua liberdade moral.

«Esta caracter apparece e se sustenta em toda a vida de Pio VII, affavel, indulgente, mas invencivel na sua paciencia.

«Pio VII veio sagrar a Pariz o illustre e ditoso guerreiro, que havia honrado os restos mortaes do derradeiro pontifice, poupado a Italia conquistada, pacificado a França victoriosa, e restabelecido a ordem e a religião.

«Cedendo á victoria como a uma vontade visivel de Deus, veio coroar imperador este novo Carlos Magno, mais extraordinario que o primeiro, pois que não tinha antepassados celebres.

«Chamando este consagrante com tanta pompa, Napoleão desejava fazer d'elle unicamente o primeiro bispo do seu imperio. Preferia antesfificar senhor de Roma, e dar Notre-Dame ao papa.

«Logo que cessaram os regosijos e os festejos da coroação, murmurou-se em voz baixa d'este projecto, que muito affligiu o pontifice, differindo de proposito a sua partida. Tudo se previu, respondeu um dia Pio VII a Napoleão. Antes de deixar a minha cidade de Roma assignei uma abdicación regular, válida no mesmo instante em que eu fosse retido captivo. Ella existe fóra do vosso poder, alem do mar, em Palermo, confiada a um depositario prompto a publical-a; e quando me disserdes o que se prepara contra mim, só tereis á vossa disposição um desgraçado monge, chamado Barnabé Chiaramonti.

«Diante d'esta sublime humilhação o imperador não insistiu mais, e o pontifice voltou livre para Ro-

ma. Porem seu inquieto e poderoso neophyto não o deixou ali em paz. Esta segunda luta vae durar quatro annos, até ao momento em que, vencedor de novos campos de batalha, rei de Italia, dictador da Allemanha, Napoleão, por um decreto, reúne Roma á França, e manda prender o papa por alguns soldados, na mesma tarde e dia em que mais nobremente occupado, ganhava em pessoa a batalha de Wagram.

«Ahi acaba o grande quadro da vida de Pio VII, illustre por sua constancia, não já contra o poder e a sedução, mas contra a desgraça, por sua firmeza no exilio e na prisão, por sua confiança inalteravel na Providencia, quando tudo o abandonava sobre a terra, quando seus proprios cardaes desertaram, e já não tinha outro defensor affeigado de ante do conquistador senão um probo conselheiro da Universidade, o sabio Fymery. Foi levado captivo de Roma á Alexandria, Grenoble, Savona, e Fontainebleau. Muitos espiritos trabalharam a fim de que Pio VII expozesse sua Egreja á sorte de uma successão. O papa a nada annuiu, e é detido em prisão.

E' notavel, e sublime a laconica resposta d'este pontifice ao general Miolis, que lhe pedia a renuncia ao dominio temporal: «Não posso, não devo, não quero!!»

Esta firmeza admiravel inspirada por Deus a Pio VII foi quem salvou a egreja da revolução que tanto agitou a Europa, no começo do nosso seculo. Talvez que se diga que esta salvação seja devida ao geral prodigio, que libertou a Europa: mas embora d'um ou d'outro modo sempre se cumpre a palavra em que ella firma a sua esperanza.

A egreja triumphou; Roma continuou a ser a sede do Catholicismo, o pontifice recupera os seus estados; e o do dominador da Europa, o genio das batalhas, o imperador de um vasto imperio lá morreu exilado no escarpado rochedo de Sancta Helena.

(Continúa) A. L. C.

ças para trabalhar em al que no pouco que cada dia faço e que de agradável me não custa.

Se tu, Geão, fizeras o mesmo, em vez de te enterrares n'essa cidade, que, diga-se a verdade, uma cidade é sempre um cemiterio para o sentimento e o sentimento para mim é tudo, se tu fizeras o mesmo, Geão, não te lembrarias nunca de redigires a «Gazeta»...

Mas para que vou eu philosophando, sobre a inconstancia da vida n'este val de lagrimas, mas immenso, sempre batido de ventos e tempestades, que ora nos lançam em praia deserta e safara ora em fertil e povoada região, ora nos elevam a tocar o ceu com a fronte, ora nos cavam abysmos sob os pés.

Queres saber o livro que eu estava lendo antes de começar esta carta?

Lia a «Lyra dos vinte annos» de Alvares de Azevedo, para mim o primeiro poeta do Brazil, e que seria um dos primeiros do mundo talvez, se a morte o não houvera roubado aos vinte annos.

Morrer aos vinte annos! foi o que succedeu tambem a um nosso amigo, o mais auspicioso talento da nossa provincia, a Caetano Teixeira Coelho...

Com que verdade apaixonada e toda maguas não diz, fallando d'aquelle, Lopes de Mendonça, na sua Litteratura Contemporanea:

«Conheceis nada mais triste do que um poeta, que morre, na aurora, e no brilhantismo d'um esplendido futuro? Dar de face com um cypreste, gemendo lugubrememente sobre um tumulo, quando se esperavam encontrar corôas de louro, e grinaldas de flores, não é porventura um espectáculo desolador?

«Para que veiu a mão da morte pousar sobre a fronte altiva, do que anciava conquistar a gloria? Que sonhos phantasticos, que ignorados poemas, que deslumbrantes inspirações não pereceram com esse ente, pallido e moribundo, despedindo-se, entre lagrimas, dos affectos que mais o prendiam na vida?»

Não poderão, diz-me, amigo, estas pa-

A VIRGEM DOLOROSA

Ao meu amigo Cerqueira

I

... nunca sentira as escaldaduras do amor

E passára o tempo mais perigoso para o coração, o tempo da mocidade, sem que um olhar de mulher fosse capaz de elevá-lo ao septe estrello dos apaixonados.

Aquillo era um espirito privilegiado e forte, que velava de noite e dormitava de dia: bella alma, que não curava d'estas pieguices do homem fraco, e resumia a vida e a crença no desprezo pelas momices da sociedade. Os outros não o viam, ou se o viam chamavam-lhe tolo; ria-se dos juizos alheios, e escondia-se dentro da sua ideia.

Algumas vezes scismava n'uma formosura desgarrada das torpezas do mundo, n'uma ou outra das muitas mulheres, cujo olhar é uma luz fatidica para o destino dos eleitos; mas em pouco se dissipava a nuvem, e a estrella do seu pensamento clarava-lhe com renovado brilho.

Quem era aquelle, que lhe vinha do alto, e que lhe absorvia todas as suas esperanças; conversava com o desconhecido nas compridas horas da sua meditação, e não dava um alento da sua alma para o que jazia debaixo do ceu.

O lonco sonhava com o infinito, e fazia theorias sobre o bello-absoluto. Enfrohnava-se na sciencia das revelações, na noite dos principios, vivia n'aquelle mundo invisivel, enfafecendo para o mundo chato das realidades.

Que parvo!

II

Viveu assim annos. O peito arido, a cabeça pesada, e a existencia inteira opprimida. Viam-no divagar a deshoras por solidões e ermos, a perguntar á via lactea o caminho da felicidade. Dizia que á noite — no firmamento, se lhe desdobrava a immensidade do espirito do homem, como se fóra um manto infinito.

layras de sentidissima eloquencia applicar-se tambem a Teixeira Coelho, cuja immensa perda em breve sentirão todos os que amam e presam as lettras patrias, quando sahidos á luz os seus escriptos posthumos, ora na imprensa?! e não poderão ellas applicar-se igualmente ao mesmo Lopes de Mendonça, o nosso primeiro critico moderno, que se não perdido para o mundo dos viventes o está para o das lettras e da rasão!?

Parece que ao genio anda quasi sempre preso um triste condão, um negro fadario, cujas prisões não lhe é possivel desatar n'este muudo...

Para fechar esta já longa e massadora epistola com alguma cousa de agradável aos leitores, consente que para aqui transcreva o bello soneto de Alvares de Azevedo:

Pallida á luz da lampada sombria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noute embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Escrevia, á luz pallida da lua, canticos afogados em lagrimas, nunca soluçados pelas amarguras terrenas.

Amava a elegia, e o sahimento dos mortos, e o dobre por extintos; e ajoelhava na sepultura das gerações passadas, a pedir ao silencio da morte a resolução do problema da immortalidade da consciencia.

Sorria-se tristemente da sciencia do homem, que não sabe d'onde veio, nem para onde vae, e inventa religiões, e atreve-se a falar em Deus!

Estava rediculamente doudo.

Das luctas entre a verdade e a dúvida nasceu-lhe uma mania perigosissima: morrer pouco a pouco.

Fechou-se dentro de casa, disse que não queria ver ninguém, e rodeou-se de charutos e romances para ciliar a carne e o espirito.

Se algum antigo conhecimento pretendia inquietar-o n'aquella apathia contristada, rugia dentro da gaiola, e atirava-se com os punhos cerrados contra a imagem da terra, que ousava perturbar-o nas suas visões mysteriosas. Chamou ao julgamento do seu espirito todas as paixões humanas, todos os incentivos da intelligencia e do coração, que os grandes artistas haviam copiado nos livros que lhe absorviam as horas de moribundo, e comparou-os á cinza de charuto podre que lhe amargava na bôca. As noites já não buscava a via lactea, nem a lua, nem as auras melancolicas; tomava um soporifero, e adormecia profundamente.

Sua mãe, que o amava, como filho unico e estremecido, consultou a medicina da terra e a medicina do ceu; pediu á sciencia dos homens e á protecção dos sanctos o remedio para a enfermidade do filho; mas foram baldados os seus rogos, inuteis as suas lagrimas. O moço definhava de dia para dia, e o coração da mãe estreitava-se d'hora para hora.

Ninguém o podia acordar d'aquella lethargia da sensibilidade, que o impellia a seu grado para o eterno somno, como elle chamava ao transito para Deus!

III.

Na educação da sua infancia to-

Era a virgem do mar, na escuma fria  
Pela maré das agoas embalada!  
Era um anjo entre nuvens d'alvorada  
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...  
Negros olhos as palpebras abrindo...  
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!  
Por ti as noites eu veleri chorando,  
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

Que acrescentar depois d'isto?!  
Crê-me o teu

R.



mãra grande parte um padre, que se presava de ler no coração humano, e de saber a difficultosa arte de acalmar as desventuras do homem. Tinham-no por santo todos os que o conheciam e amavam, e mais de um infeliz sahio de sua casa contente, depois de haver escutado a palavra consoladora do victuoso padre. Lembrou-se a mãe do seu confessor e amigo, e pediu-lhe que lhe encomendasse nas suas orações a vida do filho, que lhe morria lentamente, sem esperanças de salvamento.

Tomou-o a seu cuidado o santo pastor, e longas practicas houve com elle, sem conseguir abalar-lhe a desesperada resolução.

— Havemos de levar-o esta noite ao altar da Virgem das Dores, que poucos pezares terrenos logram resistir ao olhar da mãe do crucificado, tão bella, quando a illumina a luz indecisa, que arde ao pés de seu filho. Havemos de cural-o assim, minha senhora, e tenha fé que ha de vel-o ainda feliz. Esperemos na mãe de Deus.

— Oh! se a Virgem me salvasse meu filho, exclamou a afflicta senhora, nas angústias da esperança, havia de bordar-lhe a ouro o manto mais lindo para o seu rosto de seraphim.

— Ha de cumprir a sua promessa, dizm'o o coração.

#### IV.

A sagrada imagem da «Virgem da montanha» era um primor d'arte. Parecia que o escultor fora pedir ao ceu o modelo para apresentar na terra a formosura, a suavidade, e a dulcissima tristeza.

A alma elevava-se em preces e amores ao contemplal-a. As mulheres mais formosas invejavam aquelle rosto insinuante e mesto, que entrava em todos os corações.

Havia uma d'entre todas que mais se affeioava ao saudosissimo olhar da Virgem, e que todos os dias de festa levava uma coroa de flores ao altar da bella madona.

Era tambem a mais bonita de todas as donzellas que tinham especial devoção com a Virgem das Dores.

Havia acabado de entretecer a grinalda de açucenas, que no domingo seguinte queria levar á sua bem amada, a linda moça. Dormia sosegada no seu leito de rosas, quando no meio d'aquelle sosegado dormir se lhe affigurou que via descer do ceu a Virgem, e pedir-lhe com um sorriso de intimo desejo a sua querida grinalda.

Parecia-lhe que os anjos a queriam acompanhar á igreja, e as suas escolhidas flores, que a vestiam com uma tunica branca, e lhe cingiam a cintura com uma trança de camelias, e lhe involviam o rosto n'um veu bordado de lyrios. Banhada em lagrimas de alegria, quando acordou, viu-se ajoelhada no altar da Virgem, offerecendo-lhe a coroa de açucenas.

A doce madona destacava-se n'aquella meia escuridão da igreja, e o seu olhar absorvia o olhar timido da donzella.

Soluçava uma oração de gozo intimo a devota menina, quando sentiu que se abria a porta da igreja, e que al-

guem ia entrar e vel-a áquellas horas da noite, sem que soubessem que mão invisivel a troxera alli.

Assustada, escondeu-se no recanto da altar, e encobriu-se nas cortinas que pendiam ao longo das suas columnas. D'alli viu uma senhora vestida de preto que ajoelhava diante da Virgem, e um padre que conduzia pela mão um moço magro e defecado, mas bello d'esta formosura que é o preludio do eterno dia nas almas que se despedem das illusões da vida.

— Vamos para junto de sua mãe, dizia o padre, e oremos, que a Virgem ha de salvar-o, e dar-lhe as alegrias do coração.

Aquelle quadro d'uma mãe, que chorava pelas amarguras de seu filho, e d'um homem sancto, que ia implorar a protecção da Virgem bem amada, commoveu o coração da donzella. Suspirou por aquella mãe, que tanto havia de soffrer, e pediu á Virgem a felicidade para o desditoso.

— Virgem das Dores, soluçava a pobre senhora, salve meu filho, e eu heide bordar-vos a ouro o manto mais lindo para o vosso rosto de seraphim.

— E eu heide ajudar-vos a bordar o manto da Virgem bem amada, disse a donzella, sahindo detras do cortinado que pendia do altar na madona.

Julgaram-na uma appareição do ceu; tão formosa vinha ella com a sua tunica branca e a cintura de camelias, e o veu bordado de lyrios, e a linda grinalda de açucenas.

O moço voou para ella com os braços abertos, como se quizesse abraçar o espirito de Deus, e cahiu de joelhos ao pé de sua mãe.

Então ergueu a vista para a Virgem Dolorosa, e sentiu o seu olhar prezo ao olhar da madona.

Alguna cousa do ceu lhe veio com aquella expansão d'alma, que o fez desfogar em lagrimas as intimas angústias.

Vencêra a religião e o amor.

#### V.

A Virgem teve depois sempre duas coroas trazidas pelos dois amantes.

Luiza bordava com sua mãe o manto para a sua bem amada, e realçava-se-lhe a formosura de dia para dia com a esperança de encher o coração do seu desposado.

O voto havia de ser cumprido, e com elle a união de duas almas, que a morte separaria, se não fôsse a intervenção da amiga dos desgraçados.

Quem os visse tão contentes agora, a suspirarem o seu amor em todos os momentos do sua vida, quem attentasse na felicidade que irradiava d'elles, sem mescla nem sombra de pezares, creeria na redempção do homem pela mulher e pela religião do amor.

Não era o louco procurando a ventura alem do mundo no devanear da sua imaginação desvairada, nem o espirito desnortado que almejava a sciencia, e cahira na desesperança de não encontral-a, e pedira o somno eterno, como um descanso a uma fadiga infinita. — Era o pensamento abonangado pela felicidade que Deus creou para os homens, e espálhou por este mundo, para aquelles que logram encontral-a.

Luiza deu o manto á Virgem, e com elle a sua coroa de noiva.

Era a mais linda grinalda de todas, que a donzella offerecêra á sua bem amada.

E ainda hoje aquelle diadema é o que orna a fronte suave e triste da madona, e que mais attrahe a admiração de quem ora no altar da Virgem Dolorosa.

Quem visitar a sua igreja encontra todos os domingos um grupo de donzellas, que vão renovar a memoria d'aquella que foi chamada pela Virgem para salvar um seu filho — o mais querido, que so de vel-a sentiu voar-lhe o coração para o amor e para a vida.

Ha uma devoção especial de todos os infelizes pela sua protectora, e muitos têm abraçado por sua intercessão as mais sanctas consolações.

A primeira vez que eu a vi, lacrimosa e triste, com o rosto levemente inclinado, com o olhar mesto e piedoso, illuminaada delos cirios tremulos da semana sancta, e ouvi as harmonias plangentes do orgão, e os psalmos sentidos da igreja contristada, senti que não haveria amargura nenhuma que resistisse a um olhar de mulher assim!

Era bella, como Deus!

*Vejam agora os sabios na escriptura, Que segredos são estas de natura.*

## GAZETILHA.

**Chronica religiosa.** — No insigne e real Sanctuario do Bom Jesus do Monte terá logar no domingo proximo, 18 do corrente, a pomposa festividade de «N. Senhora das Dores.»

No sabbado duas bandas de musica percorrerão as ruas d'esta cidade, e á noute haverá no largo do Sanctuario um bello fogo d'artificio e illuminação.

De manhã haverá missa cantada a grande instrumental, e de tarde sermão e procissão.

O orador é o intelligente e bem conhecido sacerdote o snr. João Antonio Vellozo.

— No mesmo dia terá logar a festividade, que já annunciámos, de N. Senhor da Luz, no Rocio do Campo das Hortas, promovida pelos habitantes d'aquella localidade.

Os juizes são os ex.<sup>mos</sup> José Brandão e D. Adelaide Maria José Raio. Se o tempo continuar chuvoso será transferida convenientemente.

— Celebrar-se-ha tambem domingo na Cathedral a festa de N. Senhora da Boa Memoria.

**Um drama horroroso.** — O «Commercio de Lisboa transcreve do «Constitucional» de 2 do corrente o seguinte acontecimento horrifico que ha pouco se deu n'uma cidade de França «Deu-se hontem em Lyon, n'uma casa situada entre a rua Mencey e a rua Servient um drama tremendo, que produziu no publico uma dolorosa consternação.

O sr. Nicolau Pharamaz, de 34 annos de idade, natural de Rumilly (Alta

Saboya) e morador na rua de Mencey n.º 104, fechou-se ás 11 horas no seu aposento, e praticou um acto de inaudida ferocidade.

Agarrando duas meninas suas filhas, uma de 4 annos e outra de 2 e meio, estendeu-as successivamente sobre uma mesa, e, sem se commover pelos gritos desesperados das pobres victimas, cortou-lhes o pescoço com uma navalha de barba.

As duas cabeças ficaram apenas presas ao tronco por pedaços de carne.

Depois d'esta horrivel execução, este pae furioso deu com a mesma arma um profundo golpe no seu pescoço.

Quasi logo os vizinhos, que tinham ouvido os gritos das victimas, arrombaram a porta e acharam-se em presença de um medonho espectáculo.

As duas innocentes jaziam n'um lago de sangue ao lado do seu assassino, que respirava ainda, e que foi immediatamente transportado para o hospital, onde morreu uma hora depois.

A atrocidade d'este crime faz naturalmente suppôr que fôra resultado de um accesso de furiosa loucura.

O sr. Pharamaz estava ha seis semanas viuvo, tendo sua mulher morrido de parto, deixando-lhe um terceiro filho, que foi dado a crear a uma ama da aldeia.

Na manhã do crime o desgraçado tinha recebido a noticia da morte do filho que tinha a crear, e o seu espirito, já abalado pela morte de sua mulher, não pôde, sem duvida, resistir a um segundo abalo, resultando d'isto a furiosa alienação que o levou a um acto de tão terrivel ferocidade.»

**Sede de espectáculo.** — Diz a «Gazeta de Portugal» que B. A. MacComb de Ootumva (Jowa), Estados Unidos, tinha sentença de morte, por se lhe attribuir o assassinato de George Lawrence e Laura Hadey.

Estava já o cadafalso armado na praça, e o condemnado ia ja para elle, quando um aviso do supremo conselho de justiça mandou suspender a execução da sentença.

Tinha-se agglomerado muito povo. O addiamento do espectáculo indignou os espectadores.

Uma mulher proclamou ao povo, pedindo a cabeça do condemnado. Houve tumulto. O preso esteve em risco de ser justicado pela mulher.

Felizmente lembrou-se de orar á massa do povo, que o cercava, apesar da força publica e jurou a sua innocencia, dizendo que George Lawrence e Laura Hadey estavam vivos.

A duvida produziu o seu effeito. Uns tomavam o partido do preso, outros eram contra elle. Houve desordens, ferimentos e contusões. A policia salvou o preso, e prendeu muita gente.

**Mais um infeliz.** — Acaba de suicidar-se, em Lisboa, um jovem caixeiro de 18 annos d'idade, chamado Joaquim da Rocha Teixeira, natural de Penafiel.

O desventurado deixou um papel com a seguinte expressão. «Cabeça que não tem juizo, o corpo o pagará.»

Parece que a causa, que o levava a

perpetrar este crime fóra o ter-lhe o patrão negado na vespera uma licença para sair, como elle lhe pedira.

**Fallecimento.** — Falleceu na quarta feira pelas 10 horas da noite, depois de longos soffrimentos a sr.<sup>a</sup> D. Anna Margarida de Jesus, irmã da sr.<sup>a</sup> D. Rita Maria d'Apresentação, antiga negocianta n'esta cidade, e do sr. José Narcizo da Maternidade.

Deixou uma irmã inconsolavel, e um irmão extremo. Foi sepultada hoje na capella da Ordem Terceira.

Fazemos votos pelo descanso d'uma alma justa, e cheia de virtudes.

**Mr. Minghetti.** — O presidente do conselho de ministros da Sardenha, Mr. Minghetti, effectou o seu casamento no dia 4 do corrente, na freguesia de S. Francisco de Paula, com a princeza do Campo Real.

**Escola imperial.** — Partem muito breve para França 16 estudantes portuguezes, afim de frequentarem a escola imperial de pontes e calçadas.

De todos, porem, foram preferidos os sr.<sup>s</sup> Candido Celestino Xavier Cordeiro, Augusto Luciano Simões de Carvalho e João Verissimo Mendes Guerreiro de Castanheirinho.

**Tribunal de contas.** — Por accordão de 5 d'abril do corrente anno foram julgados quites para com a fazenda nacional o provedor e mesarios da santa casa da misericordia de Braga, pela sua gerencia no anno economico de 1861-1862.

**Facto extraordinario.** — Conta o «Commercio de Coimbra» que por pessoa, que lhe merece todo o credito, lhe foi communicado o seguinte:

«Para os lados do Calhabé, proximo a esta cidade, habita um pobre homem, que ha annos soffria terriveis incommodos gastricos, caracterizados por dores de estomago, vomitos frequentes, e más digestões, etc.

Tendo consultado alguns medicos, todos concordaram no prognostico da molestia, e, em virtude d'este exame, principiou a ser tratado de «cancro no estomago.» Este tratamento prolongou-se por alguns mezes; todavia o doente não experimentou nenhum alivio; pelo contrario achava-se em peor estado. Foi n'esta circumstancias que prognosticaram á familia do enfermo, que elle não podia escapar, porque estavam esgotados todos os recursos da sciencia.

Alguns dias, em seguida a este fatal desengano, veio o homem a esta cidade, e no caminho appeteceu-lhe tomar uma limonada, feita com sumo de limão azedo: quinze minutos depois lançou milhares de vermes. Diz o doente que saiam pela bôca fóra, em fórma de uma bola, e quando essa caia no chão, toda a quantidade de vermes, de que ella se compunha, fugiam em diferentes sentidos.

Hoje está completamente restabelecido, e nunca mais teve incommodo algum!! E que tal era o «cancro!?!»

**Despachos.** — Pelo ministerio da justiça, diz a «Gazeta de Portugal» effectou-se em cinco do corrente, os seguintes despachos:

O sr. bacharel Bernardo Francisco de Abranches, que era juiz de direito de terceira classe na comarca da Chamusca — promovido á segunda classe e nomeado para Armamar.

O sr. bacharel Francisco Manuel da Rocha Peixoto, que era juiz de direito de terceira classe na comarca da Povoação de Lanhoso — promovido á segunda classe e nomeado para Alijó.

O sr. bacharel Antonio Barbosa de Sousa Faria, que era auditor do exercito — promovido a juiz de segunda classe, e nomeado para Trancoso.

O sr. bacharel Joaquim Nogueira Soares Vieira, juiz de segunda classe, transferido, como requereu, da comarca de Armamar para a de Felgueiras.

O sr. bacharel José Teixeira de Azevedo, que era juiz de direito de segunda classe na comarca de Alijo, promovido á primeira classe e nomeado para Castello Branco.

O sr. bacharel José Maria Rodrigues de Carvalho, juiz de direito de terceira classe transferido, como requereu, para a comarca da Povoação de Lanhoso, ficando sem effeito a sua anterior transferencia de Cuba para Miranda do Douro.

O sr. bacharel Raimundo de Penaforte de Oliveira e Almeida, que era juiz de direito de segunda classe na comarca de Trancoso — promovido á primeira classe e nomeado para Silves.

O sr. bacharel José Bernardo da Silva, que era juiz de direito de primeira classe na comarca de Silves — promovido á segunda instancia e nomeado para a relação dos Açores.

O sr. bacharel José Maria Martins, que era juiz de direito de primeira classe na comarca de Castello Branco — promovido á segunda instancia e nomeado para a relação dos Açores.

O sr. bacharel D. Salvador Manuel de Vilhena, transferido, como requereu, do lugar de delegado do procurador regio na comarca de Cuba para lugar semelhante na de Cintra.

**Casamentos reaes.** — Affirma-se, que se effectuarão proximoamente os casamentos das princezas do Brazil com os principes Luiz Filippe Maria Fernando Gastão de Orleães, conde de Eu, e Luiz Augusto Maria Eudes, sobrinhos de S. Magestade El-rei o senhor D. Fernando.

O primeiro é filho do duque de Nemurs e da princeza Victoria; conta 22 annos de idade.

O segundo é filho do duque de Saxe-Coburgo Augusto e da princeza Maria Christina de Orleães; conta 20 annos de idade.

**Triste acontecimento.** — No dia 10 do corrente, houve na cidade de Beja um medonho incendio em casa d'um fogueteiro, do qual resultou a morte a um desgraçado aprendiz, que sem a devida cautela estava fumando na officina, e deixou cahir o morrão do cigarro na pólvora, que immediatamente se inflamou.

O desgraçado aprendiz ficou sepul-

tado nas ruinas do incendio; a detonação da pólvora ouviu-se a grande distancia. Não só a officina, mas muitas casas proximas ficaram em ruinas.

**Crise industrial.** — Barcellona está a braços com uma grave e assustadora crise industrial.

E' grande o numero dos operarios, que luctam com a fome por não terem em que trabalhar. A camara municipal d'aquella cidade resolveu empregar alternadamente os operarios nos trabalhos publicos, para d'este modo ganharem o escasso pão da sua subsistencia.

Cada operario, empregado nos referidos trabalhos, vence diariamente o salario de 4 reales, que correspondem aproximadamente a 200 réis.

**Festividade.** — A que nós annunciámos hoje, e que havia de ter lugar no proximo domingo, no Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte, fica transferida, em virtude do tempo hivernoso, que nos ameaça. O dia de hoje apresenta o caracter carrancudo de rigoroso inverno.

**Estado sanitario.** — Na cidade d'Aveiro e nas freguezias ruraes desenvolveu-se a molestia da diarreia, que começa a assustar bastante aquellas povoações.

Foram já muitas pessoas atacadas, dando-se infelizmente alguns casos fataes.

Esta molestia apresenta agora o symptoma atterrador de colerina.

**Virgem Dolorosa.** — Publicamos hoje nas nossas columnas este lindissimo artigo d'um nosso amigo, o qual, apesar de ter já sido publicado, não deixará por isso de ter todo o merecimento para os leitores da «Gazeta de Braga».

Agradecemos ao nosso amigo, que é um moço de raro ingenho e talento, a permissão que nos deu d'o publicarmos no nosso jornal.

## CORREIO EXTRANGEIRO.

**FRANÇA.** — Ha muito tempo que os periodicos de Pariz fazem as mais oppostas reflexões ao tratado que foi assignado em Hué, entre o governo anamita e o sr. Aubaret, consul de França em Bangkok.

Emquanto uma folha governamental declara com toda a altivez que as noticias recebidas a tal respeito reduzem a cousa nenhuma os «absurdos boatos», que haviam circulado acerca do abandono das possessões francezas na Cochinchina: outros periodicos se dizem auctorizados para julgar que o tratado de que se trata, se for ratificado, só dará em resultado sacrificar a maior parte das conquistas que os francezes obtiveram no extremo Oriente.

O «Moniteur», que deveria esclarecer estas asserções contradictorias, limitou-se a reproduzir no seu numero do dia 7 uma correspondencia da

agencia Havas, que muito insufficientemente demonstrava no publico o verdadeiro character das negociações que se ultimaram na capital do imperio de Annam.

O «Moniteur de l'Algérie» publica as seguintes noticias, que foram communicadas aos periodicos de Alger:

«Noticias do sul» — As duas columnas encarregadas da protecção do comboy dirigido de Boghar para Djelfa, reuniram-se no dia 1 do corrente, perto de Ain-Malakoff.

As tropas que tinham vindo de Djelfa retrogradaram n'aquella praça, levando consigo o comboy. As demais saíram a 3 de setembro de Ain-Malakoff para voltarem a Boghar.

Os contingentes inimigos não fizeram tentativa séria para se opporem a esta operação. Na noite de 31 de agosto para 1 de setembro, dispararam-se alguns tiros no campo de Guelt-el-Stel. No dia seguinte appareceram «goums» numerosos pela retaguarda da columna; houve tiroteio com a tropa, mas sem que esta contasse nenhum homem ferido.

As tribus insurrectas continuam a ficar quasi todas por traz de Nador, nas aguas de Ain Oussengh, de Ain-Regat e de Sepaifa. Em Tell ha socego.

Nas provincias de Oran e de Constantine tambem ha tranquillidade.

## AGRADECIMENTOS.

D. Herminia Augusta d'Abreu Geão, e seu marido, Miguel Ribeiro de Faria Perdigo, agradecem a todas as pessoas, que os cumprimentaram e assistiram ao enterro do seu filhinho no dia 17 d'agosto, na igreja de S. Martinho do Campo, concelho da Povoação de Lanhoso. A todos protestam o seu eterno reconhecimento.

## ANNUNCIOS.

HA n'esta cidade uma familia, que se incumbe de dar cama e meza, roupa lavada e engomada a crianças até á idade de 15 annos, pela quantia de 7\$200 réis mensaes.

Afiança-se o bom tratamento e educação.

Quem pertender pôde dirigir-se em carta fechada ao escriptorio da redacção da «Gazeta de Braga», onde se dirá com quem ha de tratar.

**Aluga-se um sótão, ou loja que pode servir para um escriptorio Na rua Nova N.º 22.**

BRAGA: TYP. DE DOMINGOS G. GOVEA.  
— Rua Nova n.º 42. —